

Migração, diversidade religiosa e o princípio pluralista: o conceito de inreligiosa de Andres Torres Queiruga e a dramaticidade das experiências de migração

Migration, religious diversity and the pluralist principle: The concept of inreligion by Andres Torres Queiruga and the drama of migration experiences

Cláudio de Oliveira Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Brasil

Felipe de Moraes Negro
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Brasil

Resumo

Pesquisa acerca do conceito de inreligiosa, formulado por Andrés Torres Queiruga, como chave para contribuir com as aproximações inter-religiosas que são sempre presentes e necessárias nos processos migratórios, especialmente pelo caráter excludente e discriminatório deles. Para atingir o objetivo, pretende-se analisar esse conceito, que é uma das bases do *princípio pluralista*, engendrado no entendimento de tais processos. Metodologicamente, as reflexões possuem três momentos distintos, que apresentam os resultados da pesquisa realizada. O primeiro é refletir sobre os fluxos migratórios e a relação deles com a pluralidade das experiências religiosas. O segundo consiste em compreender o significado do conceito de inreligiosa *queirugiano* e de que forma ele pode ser aplicado favoravelmente nos processos migratórios, uma vez que é chave de leitura para as aproximações inter-religiosas. Por fim, o terceiro busca concatenar a reflexão acerca da migração, tendo como base a inreligiosa, maneira essencial de se cuidar de forma acolhedora das tensões que emergem dos processos migratórios vigentes na atualidade, considerando os aspectos básicos da dignidade humana do diferente.

Palavras-chave

Inreligiosa.
Andrés Torres Queiruga.
Migração.
Pluralismo religioso.
Princípio pluralista.



Abstract

Research on the concept of inreligion, formulated by Andrés Torres Queiruga, as a key to contributing to the interreligious approximations that are always present and necessary in migratory processes, especially due to their excluding and discriminatory nature. To achieve this objective, we intend to analyze this concept, which is one of the bases of the pluralist principle, engendered in the understanding of migration processes. Methodologically, the reflections have three distinct moments, through which the research results are presented. The first is to reflect on the migratory flows and their relationship with the plurality of religious experiences. The second is to understand the meaning of the Queirugian concept of inreligion and how it can be applied favorably in migratory processes, since it is a key to reading interreligious approaches. Finally, to concatenate the reflection on migration, based on inreligion, an essential way to take care in a welcoming way of the tensions that emerge from the current migration processes, considering the basic aspects of the human dignity of the different.

Keywords

Inreligion.
Andrés Torres
Queiruga.
Migration.
Religious Pluralism.
Pluralist Principle.

Introdução

As experiências de migração, sejam elas de que natureza forem, quase sempre se constituem em dramas humanos. Internamente, nos países, os grupos que vivenciam fluxos migratórios se deparam em geral com processos excludentes e discriminatórios, muitas vezes violentos, resultantes, especialmente, da exploração do trabalho, das tensões entre culturas rurais e urbanas e dos preconceitos sociais.

Internacionalmente, essas experiências migratórias se somam a novos problemas sociais, políticos e econômicos decorrentes do mundo globalizado. Na última década, por exemplo, novos surtos migratórios, provocados por crises e dominações econômicas que afetam povos historicamente explorados, assolaram a humanidade e tornaram ainda mais agudos os racismos e as xenofobias. Emoldurado, sobretudo por questões econômicas, o quadro de aversão, algumas vezes travestida de medo, em relação aos estrangeiros e de desconfiança e preconceito em relação a pessoas que vêm de fora do país com culturas, hábitos, etnias ou religião diferente marca a dinâmica social globalizada.

A realidade sociopolítica e econômica das últimas décadas tem revelado que os mundos *on-line* e *off-line* parecem tornar contingente a relação entre tragédias humanitárias e a comoção mundial. É nesse cenário que a chamada “crise migratória”, presente em diversos continentes, ganha relevo e tem aguçado nacionalismos excludentes e sentimentos xenofóbicos e racistas. Ou seja, tais fenômenos se tornam tocantes quando se está longe deles (do outro lado da tela de um *tablet* ou de um *smartphone*, por exemplo) e um incômodo quando chegam perto (uma vez que escapam ao controle de um mero *like* ou de um *dislike*) e desestabilizam a confortável sensação de homogeneização que os Estados-Nação prometem proporcionar.

Em consonância com a realidade da migração e suas faces cruéis, as reflexões a seguir buscarão, a partir de um olhar sobre as experiências religiosas concebidas no quadro de pluralismo, referências que reforcem a alteridade, a aproximação e os diálogos inter-religiosos, não obstante os conflitos e tensões que a diversidade cultural e religiosa suscita. Isso será feito mais efetivamente valendo-se da categoria inreligiosa, concebida por Andrés Torres Queiruga, destacado pensador contemporâneo.

Metodologicamente, as reflexões possuem três momentos distintos, nos quais são apresentados os resultados da pesquisa. O primeiro reflete sobre o que se entende pelos processos migratórios e a relação com a pluralidade das experiências religiosas. Por sua vez, o segundo consiste em compreender o significado do conceito de inreligiosa *queirugiano*, uma das bases do *princípio pluralista*, e de que forma pode ser aplicado favoravelmente nos fluxos migratórios, uma vez que é chave de leitura para as aproximações inter-religiosas. Por fim, o terceiro busca concatenar a reflexão acerca da migração, tendo como base a inreligiosa, maneira essencial de se cuidar de forma acolhedora das tensões que emergem dos processos migratórios vigentes na atualidade, considerando os aspectos básicos da dignidade humana do diferente.

Migração e religião

Zygmunt Bauman, em *Estranhos à nossa porta* (2017), apresenta uma densa discussão para compreender o posicionamento da União Europeia ante a crescente presença de refugiados e migrantes. Os primeiros são as pessoas que se deslocam de um país para outro por motivos de guerras ou perseguição em seu país de origem, já os migrantes saem dos países e localidades de origem com o objetivo de conseguir melhores condições de vida ou sobrevivência. O autor mostra que, muito mais do que uma crise migratória, se vive na atualidade uma crise humanitária.

Os conteúdos tratados na referida obra são uma notável contribuição para o debate social, em especial no que se refere a políticas públicas direcionadas ao “estranho/estrangeiro” que “bate à nossa porta”, ao ensino de línguas destinado a refugiados e a um variado leque de debates e questões sobre direitos e dignidade humana. O dado das experiências religiosas, sobretudo suas diferenças, está presente nesse contexto, ora constituindo um elemento de agudização dos conflitos, ora facilitando processos de inculturação.

A forma de se superarem a crise humanitária e os processos de desumanização que estão no centro dos processos migratórios é a crítica e a rejeição das tentações separatistas e excludentes que emergem na sociedade. Isso precisa ser feito a partir do reconhecimento da interdependência humana como espécie e da busca de novas formas de convivência, em solidariedade e cooperação com aqueles e aquelas que possuem diferenças sociais e culturais. Em vez de muros, construir pontes (BAUMAN, 2017).

As dificuldades, os problemas e os dramas vivenciados por grupos migrantes são variados e se distinguem conforme os distintos contextos e tipos de migração. Há, por exemplo, os casos de migração espontânea ou voluntária que acontecem de acordo com a vontade das pessoas e suas famílias, nem sempre em condições favoráveis ou estáveis, especialmente no aspecto econômico. Existe a migração forçada ou de refúgio, atrelada a fatores externos à pessoa e que ocorre contra a vontade dela, seja por condições políticas, seja por aspectos sociais e econômicos relacionados a desastres

naturais e climáticos. Isso pode se dar como migração externa ou internacional (com o descolamento entre países ou continentes), interna ou inter-regional (como as que ocorrem dentro das fronteiras de um mesmo país). Além disso, há as situações de êxodo rural, migrações sazonais, em geral associadas a trabalhos precários, nomadismos e diásporas.

Em quase todos esses casos, emergem as questões e situações relativas aos direitos a serviços básicos providos pelo Estado ou a solicitação de benefícios de segurança social, serviços públicos de saúde, educação e habitação social. Nas circunstâncias em que há autorização de permanência em determinado país, não há em geral informações ou dados precisos sobre a possibilidade de ficar mais tempo do que o inicialmente previsto, permissão para trabalhar legalmente, trazer familiares e poder sair e regressar ao país. Somam-se a isso o permanente medo de deportação e detenção e diversas formas de instabilidade social.

A pessoa migrante vive, na maioria das vezes, uma condição provisória no lugar onde está. São grupos que, por diferentes motivos – geralmente de natureza econômica e política –, deixaram suas terras em busca de novos espaços e possibilidades de vida. Trata-se de pessoas em movimento que saíram de seus contextos, distanciaram-se de sua gente e, movidos pela esperança de melhores condições de vida, vivem em outras localidades.

A volta à sua terra faz parte dos anseios delas. “O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os migrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível” (SAYAD, 2000, p. 10).

O sonho com o retorno - às vezes difícil de ser realizado - permite ao migrante iluminar o seu movimento no novo lugar em que vive. O seu novo lugar é, na perspectiva do retorno, sempre provisório e a sua adaptação às novas condições é uma necessidade para viver da forma melhor possível. O migrante vive uma tensão entre ter que sair e não querer sair de sua terra. Nessa tensão, ele vive um movimento titubeante em busca de outro mundo possível. Se o retorno é, como diz Sayad, um constituinte antropológico do migrante, o movimento é a sua dinâmica. Deixar sua gente, sua cultura, sua terra, seus pertences... é um movimento doloroso de ruptura, de abandono, de renúncia (SANCHEZ, 2016, p. 72).

A fragilidade, em diferentes aspectos da vida, está presente em todos os lugares por onde a pessoa migrante passa; o caminho é frágil e dependente das circunstâncias por onde anda. Por isso, ela sempre está em busca de segurança, mesmo que com os olhos no futuro, no retorno, e deseja um mínimo de enraizamento, de vínculos com os lugares e com pessoas, especialmente por ter vivido uma situação de desenraizamento radical ao se distanciar do lugar, das pessoas e da cultura onde vivia.

Suzana Ramos Coutinho e Wagner Lopes Sanches (2021), ao tratarem sobre o pluralismo religioso da atualidade, recorrem a três conceitos bastante utilizados nos estudos sobre migração: fronteira, errância e identidade religiosa. A análise mostra que as populações migrantes, ao deixar os países de origem em busca de melhores condições de vida, encontram resistências de diversas ordens nos locais que as recebem. Em todas elas, “o tema das fronteiras se torna crucial para entender esses processos de idas e vindas, de avanços e recuos, de afirmação e de negação de identidades” (COUTINHO; SANCHES, 2021, p. 258).

As fronteiras possuem uma dimensão espacial, é fato, mas há outras de caráter relacional que envolvem questões que criam e recriam as identidades dos grupos sociais. Isso explica a importância para as análises de se ir além do aspecto das fronteiras geográficas que, embora sejam fonte de conflitos entre grupos e povos, se vistas somente pelo viés geográfico podem escamotear “interesses que têm muito mais a ver com fronteiras e limites socioculturais colocados para defender grupos e seus lugares sociais no mundo” (COUTINHO; SANCHES, 2021, p. 259).

As fronteiras possuem a função de delimitar os espaços de existência e mobilidade dos grupos, mas também são decisivas na definição da relação de um grupo com o outro. Assim, têm valor positivo e criativo, pois cooperam “para o grupo reconhecer-se num certo ambiente e reconhecer-se diante dos outros. A fronteira tem um caráter identitário que é necessário para a afirmação (do grupo)” (COUTINHO; SANCHES, 2021, p. 260).

Como espaços, canais e instrumentos de promoção e criação de identidades abertas e dinâmicas, as fronteiras possibilitam o questionamento de práticas racistas, xenofóbicas e excludentes, comuns nos processos

migratórios. “A constituição de identidades diferenciadas em contextos migratórios e as especificidades culturais acarretam problemas políticos e culturais e apontam para o confronto entre concepções plurais e homogêneas de sociedade” (COUTINHO; SANCHES, 2021, p. 261). Esses processos geram identidades múltiplas, uma vez que os diferentes componentes da identidade étnica se alteram constantemente na medida em que interagem com outros contextos sociais e culturais.

Outro aspecto é o da errância. Trata-se das instabilidades e indefinições presentes na movimentação das pessoas que se deslocam pelos espaços, ultrapassam os limites fronteiriços, geográficos e culturais e demoram para se fixar em determinado lugar, mantendo um movimento constante por territórios em busca de condições estáveis de sobrevivência. Tais condições, em boa parte das vezes, são vividas em situação de clandestinidade, cujos aspectos político-jurídicos são complexos e desafiadores e de difícil equação social. “A errância, essa dinâmica inconstante, imprime ao migrante uma condição de insegurança em que ele se vê no dilema de afirmar a sua identidade e, ao mesmo tempo, de assumir temporariamente elementos impostos pela nova sociedade para poder sobreviver” (COUTINHO; SANCHES, 2021, p. 263).

A pessoa migrante vive na fronteira geográfica, cultural e simbólica, e, por isso, convive com a insegurança. Essa “condição de fronteira” da população migrante se manifesta na rejeição e na hostilidade, e “quanto mais incomunicáveis forem as identidades, mais difícil será concentrar as resistências emancipatórias em projectos coerentes e globais” (SANTOS, 2010a, p. 147).

Outro aspecto dramático é que, ao mesmo tempo que os grupos migrantes são desejados por ser mão de obra barata e em grande quantidade, são indesejados por ser vistos como ameaça. Nesse sentido, os aspectos sociais e os econômicos não podem ser dissociados. “A ênfase no reconhecimento da diferença sem uma ênfase comparável nas condições econômicas, sociais e políticas que garantem a igualdade na diferença corre o risco de combinar denúncias radicais com a passividade prática ante as tarefas de resistência que se impõem” (SANTOS, 2010b, p. 38).

A insegurança e a incerteza da existência são expressão da dinâmica do movimento do migrante. No lugar onde se fixará, precisará de redes de segurança que lhe permitam reconstruir a vida com os desafios da nova sociabilidade e sair, minimamente, de sua condição excludente e marginal na nova sociedade. Em geral, isso se dá a partir de redes de amigos e amigas vindos do mesmo lugar ou de redes religiosas que reúnem aqueles com a mesma identidade cultural.

No nível micro da comunidade, a pessoa migrante poderá se sentir acolhida, compreendida, respeitada. É nesse quadro do sonho do retorno, do movimento constante de insegurança e medo e da percepção da condição precária de exilado, que a religião se apresenta aos migrantes como uma interface no trajeto migratório. Ou seja, na sua relação com o novo lugar, com a nova gente e com a nova cultura, ela se mostra como uma das alternativas - uma interface - para mediar a construção de novos vínculos e novos sentidos existenciais.

Por intermédio da religião, os grupos migrantes conhecem melhor o novo lugar, e a nova cultura e as relações interpessoais são ampliadas, as dores e sofrimentos que os acompanham são mitigadas e surgem possibilidades de resistência e de empoderamento. Para essas pessoas, a religião constitui um espaço simbólico, afetivo e de sociabilidade que permite vivenciar essa condição com menos sofrimento; nesse caso, ela lhes propicia reconstruir o seu mundo mesmo que em outro lugar (COUTINHO; SANCHES, 2021).

Portanto, a interface religiosa exerce um papel fundamental na vida do migrante: na tensão entre a dor da ruptura e o desejo de reconstruir a vida, a religião permite a ele refazer seu quadro referencial e minimizar o sofrimento. Nessa situação é que se percebe a importância de referenciais religiosos que possam dar sentido e significado à existência humana. Como todo sistema religioso é aberto e dinâmico, nessa busca por sentido para tornar a vida o lugar minimamente aceitável, a condição da pessoa migrante dá a ela liberdade para ressignificar seu referencial religioso. Essa ressignificação se pode dar tanto na inserção em espaços religiosos dentro de

sua tradição religiosa quanto próximos dela, daí o valor da aproximação e do diálogo inter-religioso.

Se o espaço religioso permite ao migrante recriar sua identidade - mesmo que em outra religião -, o fato de ele ter à disposição um leque maior de expressões religiosas aumenta suas possibilidades de arranjos religiosos e de múltiplas participações ou pertenças (TOSTES, 2020). As religiões, em suas diversidades internas e em suas conexões com as demais, possuem um tesouro de crenças, mitos, símbolos e ritos que ajudam as pessoas em condição de migração a reorganizarem sua existência, tanto do ponto de vista prático quanto das cosmovisões. Ou seja, elas podem dar sentido ao processo migratório em si - o movimento de saída de sua terra e de entrada numa nova terra - e também à vida a ser construída no novo lugar.

As reflexões feitas até aqui demonstram que é difícil separar migração e religião, tanto pelas bases místicas e religiosas das raízes culturais de cada povo quanto pela resistência prática e simbólica que a religião pode oferecer às pessoas. A relação das experiências de migração com a pluralidade religiosa forma um amálgama sociocultural que pode ser mais bem compreendido se os olhares forem atentos ao que se passa nos entre-lugares da cultura.

A noção de entre-lugar, formulada por Homi Bhabha (2001), é um dos pilares conceituais do *princípio pluralista*. O conceito de entre-lugar está relacionado à visão e ao modo como grupos subalternos se posicionam ante o poder e como realizam estratégias de empoderamento, daí a importância dele para a análise dos processos migratórios, uma vez que a relação entre migrantes e subalternidade tem sido direta. Tais posicionamentos de resistência e de empoderamento geram entre-lugares, especialmente experimentados nas malhas do cotidiano, em que aparecem com maior nitidez questões de âmbito comunitário, social e político.

A posição de fronteira permite maior visibilidade das estruturas de poder e de saber, o que pode ajudar na apreensão das subjetividades de povos subalternos. Ela é uma forma privilegiada de sociabilidade, de conhecimento e de emancipação. As identidades são construídas em zonas fronteiriças das culturas.

Não obstante as contradições e ambiguidades, as experiências religiosas vividas nas fronteiras, em suas mais variadas manifestações, têm se revelado como espaços de alteridade, de ressignificação simbólico-cultural e de mediação da inclusividade das relações interpessoais, comunitárias e sociais (RIBEIRO, 2020).

O conceito de inreligiosação em Torres Queiruga

A relação entre religião e processos de migração é complexa, possui diferentes matizes que variam de acordo com os distintos contextos históricos e geográficos e não facilita sínteses. No entanto, se pensada a partir da noção de inreligiosação, de Torres Queiruga, que observa as religiões em uma lógica plural à luz da autocompreensão cristã, tal relação pode ser mais bem equacionada como alternativa de favorecimento dos processos vivenciados por grupos de migrantes.

A perspectiva do pluralismo religioso traz à tona o tema da identidade. Nossa pressuposição é que a identidade, para ser autêntica, precisa ser forjada no diálogo; por isso, recorreremos, por diversas razões, à contribuição teológica de Torres Queiruga, um dos mais destacados pensadores europeus no campo da teologia. Ele ressalta suas reflexões teológicas por um aspecto de revisão e atualização dos principais temas da fé cristã. Seu pensamento é permeado pela busca incessante do sentido histórico das ideias teológicas, assim procura fazer um retorno à Tradição para redizê-la com fidelidade, de forma criativa, na liberdade e no diálogo com a cultura, nas categorias do tempo presente. Isso explica o uso da expressão “repensar” ou “recuperar” no título de muitas de suas obras.

O autor destaca em suas reflexões a universalidade da revelação cristã e a vê como a forma de Deus se manifestar na história concreta da vida humana. No entanto, compreende tal revelação sempre a partir do encontro com as demais religiões e culturas, além de considerar os aspectos conjunturais do atual contexto mundializado (TORRES QUEIRUGA, 1995). O diálogo das religiões situa-se, assim, em um espaço comum, exigindo a formulação de novas categorias - como a de pluralismo assimétrico e

inreligiosa - e propiciando um novo espírito de acolhida, respeito e colaboração entre as religiões, como requer o *princípio pluralista*. Para o autor,

uma vez reconhecida e afirmada a presença universal da salvação, essa opção se torna mais coerente. A partir dela parece possível chegar a um difícil equilíbrio que deve dar conta de duas frentes: por um lado, manter tanto o respeito ao valor intrínseco de todas as religiões quanto o realismo de reconhecer a independência de seu nascimento e desenvolvimento na história; por outro, e também por realismo histórico e antropológico, não ceder nem ao relativismo do “tudo é igual”, nem ao achatamento do buscar a universalidade no mínimo denominador comum (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 190).

O pluralismo assimétrico não anula a vocação ecumênica; ao contrário, a redimensiona, na medida em que “a ‘lógica da gratuidade’ deve substituir a ‘lógica da concorrência’ e, como está escrito, é preciso ‘dar de graça o que de graça foi recebido’” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 191). O autor busca um modelo de reflexão teológica ecumênica pautada no diálogo inter-religioso que saiba valorizar a disposição em reconhecer o dom salvífico nas diferentes expressões religiosas, como as visões inclusivistas o fazem, e que também aproveite os espaços autênticos de diálogo, como as visões pluralistas defendem, para se construírem identidades.

Torres Queiruga (1997) defende a visão de que todas as religiões precisam buscar a máxima comunhão possível como ato de resposta humana ao amor universal de Deus. Isso deve acontecer isentando-se das concepções de eleição ou privilégio da parte de Deus em relação a qualquer expressão religiosa em particular. Para esse pensador, é pela partilha da fé e da experiência da vida, naquilo que é compreendido pelos grupos como o que há de melhor, num diálogo repleto de respeito e alteridade, em um complexo, mas, ao mesmo tempo, singelo movimento de dar e receber, que as religiões podem se aproximar do inesgotável mistério de Deus. Na medida em que é acolhido pelas diferentes religiões, Deus passa a ser o único centro e elas deixam de centrar-se em si mesmas e passam a gravitar em torno dele.

O diálogo não requer a destruição da identidade, mas, em vez disso, possibilita novas compreensões da identidade própria de cada grupo. A ideia é

que a verdadeira e autêntica identidade não se encontra no passado morto, mas adiante, no futuro de Deus. Nesse sentido, as identidades são enriquecidas pelo encontro e se tornam instrumentos de conversão e promessa de plenitude da experiência religiosa. É fato que o diálogo requer que cada grupo religioso mantenha sua identidade aberta, predisposta a descobertas e receptiva ao novo e às mudanças. O autor lembra que as experiências de diálogo destroem, sim, as identidades “narcisistas”, fechadas em torno de si mesmas, não condizentes com os próprios fundamentos da fé. Mais do que isso, ele menciona também que mesmo sem um diálogo efetivo com outras religiões, o processo de revisão dos fundamentos da fé [identidade *semper reformanda*, nas palavras do autor] pode e deve ocorrer a partir de uma “anterioridade estrutural”, de uma aguda pergunta interna para cada religião sobre a revelação de Deus. Será ela uma possessão própria ou salvação exclusiva, ou a revelação divina, como indica o autor, manterá sempre viva a gratuidade de sua transcendência e sua intrínseca destinação a toda a humanidade?

Torres Queiruga (2007) não ignora as realidades de violência, de disputas religiosas, de etnocentrismos e de desencontros entre as religiões; todavia, considera que o encontro entre as religiões pode estar em uma fase de florescimento. Os próprios fatores negativos se transformam em elementos constitutivos de uma nova visão, somados ao fato de a humanidade tornar-se planetária. Tal perspectiva pode suscitar uma nova consciência dialogal. O autor mostra que:

[daí] poderão sair potencialidades inéditas que nem sequer estamos em condições de suspeitar e que, em todo caso, não devemos limitar de antemão. De qualquer forma, se a situação não produz a complacência do acordo expresso, mantém, isso sim, por sua vez, a sensação viva do Mistério, a não-monopolização do Deus sempre maior. E, com ela, a humildade do contínuo aprendizado, sem renunciar por isso ao oferecimento gratuito, nem à íntima alegria da própria convicção (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 199).

Em decorrência disso, o autor entende a autocompreensão do cristianismo

[...] como culminação definitiva da revelação de Deus na história. Insistindo, fique claro, no fato de que tal culminação não priva nenhuma religião de sua verdade específica, pois refere-se unicamente às ‘chaves fundamentais’, não à realização concreta, a qual é sempre deficiente por si mesma e em muitos aspectos pode estar, e de fato está, num estágio mais avançado em outras religiões (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 191).

A categoria denominada “inreligiosa” (TORRES QUEIRUGA, 2007) emerge na proposta do autor a partir de sua análise acerca da inculturação e é bastante utilizada na teologia contemporânea, especialmente a latino-americana, para expressar a tarefa de evangelização realizada a partir da cultura autóctone. Nesse sentido, na lógica do *princípio pluralista*, a teologia há de sentir a religião como espaço experiencial da relação viva e criativa dos seres humanos com Deus, não havendo a pressuposição de que uma religião seja absoluta e autorizada a rechaçar outras formas religiosas.

No contato entre as religiões, o movimento espontâneo em relação aos elementos que chegam a uma religião proveniente de outra deve ser o de incorporá-los crítica e criativamente ao próprio organismo. Dessa forma, tais elementos não desaparecem, mas se afirmam mediante uma transformação que pode torná-los mais críticos, mais ricos e mais universais, considerando suas particularidades e os processos de inculturação. É como no exemplo do enxerto de árvores em que tanto a árvore receptora quanto o galho enxertado se enriquecem mutuamente.

Todas as religiões têm aspectos e perspectivas intrínsecas que se constituem em ferramentas que possibilitam a percepção do Transcendente. Por isso, elas são desafiadas, sobretudo pelo crescente quadro de pluralismo religioso que tem marcado a sociedade na atualidade, a colocar em comum suas descobertas em uma atitude de mútua ajuda e partilha. Desse modo, mantém-se viva a sensação do Mistério e a sua não monopolização para que todas as religiões, com os respectivos adeptos, estejam orientadas à coletividade.

Nesse sentido, a inreligiosa consiste em que as religiões se encontrem, se apresentem umas às outras, partilhem seus bens religiosos e façam a experiência do mistério amoroso de Deus na dádiva, na fraternidade, no respeito mútuo e na corresponsabilidade pela edificação de valores

denotativos da comunhão com Deus. É dentro do processo histórico de aproximação, encontro e diálogo que as religiões, em suas respectivas mediações culturais, captam a Deus em seu mistério amoroso. O maior respeito ao outro é lhe apresentar a própria posição da maneira mais sincera e transparente possível; dessa maneira, é possível esperar que também o interlocutor escute de verdade, sem pretender saber *a priori*. Quando o ser humano se der conta da percepção de Deus em sua essência, indubitavelmente estará garantida a partilha sincera da verdadeira imagem de Deus (TORRES QUEIRUGA, 2007).

A inreligiosação comporta um novo modo de lidar com a questão das religiões em sua realidade plural, transformando conceitos, condutas e sentimentos. Trata-se de um novo modo de aproximar-se do outro, no qual é oportuno ver não mais um concorrente, mas um companheiro de percurso vital, já que, diante do Mistério comum, acaba sendo privado de sentimento insistir no “teu” e no “meu”, já que, sendo idêntica a investigação, e comum o Mistério, o meu é também teu, como o teu é igualmente meu e de todos (TORRES QUEIRUGA, 2007). Para as experiências de migração, tanto em suas faces de sofrimento e exclusão social quanto nas possibilidades de resistência cultural e empoderamento, a noção de inreligiosação se torna significativa.

Inreligiosação e migração

Como visto até aqui, as experiências religiosas que conseguem ser dialógicas e marcadas por práticas de alteridade oferecem aos processos migratórios a possibilidade de atenuar, ao menos parcialmente, as formas tensas e conflitivas de não aproximação ou adaptação daqueles que chegam com outras culturas e costumes; assim, permitem, em trocas dialógicas e de aproximação, a construção de sua vida nova, com novas gentes e novos horizontes.

No Brasil, são várias as experiências pastorais com grupos de migrantes, tanto no campo evangélico quanto no católico. Os limites de nossa pesquisa não possibilitam uma descrição e análise detalhada sobre elas, por isso destacamos, apenas como exemplo, as atividades da Missão Paz (Missão

Scalabriniana Nossa Senhora da Paz) realizadas na cidade de São Paulo. Welington da Silva de Barros (2017) analisou essa experiência em sua tese doutoral intitulada “Mobilidade humana e pluralismo religioso: a Missão Paz e o diálogo inter-religioso na acolhida de imigrantes e refugiados”.

A referida pesquisa investigou a relação entre a mobilidade humana, tanto as motivadas por situação de imigração quanto por refúgio, e o quadro de pluralismo religioso a partir das dinâmicas religiosas da Missão Paz. Elas visam à integração dos imigrantes e refugiados a partir do respeito à alteridade religiosa e da interculturalidade que favorece e torna fecundos os processos de aproximação mediados pelos espaços e ações da instituição.

Em sua análise, Barros (2017) apresenta o diálogo inter-religioso como um dos principais desafios na atualidade para a promoção da vida humana e para a construção da paz. Segundo ele, a “epistemologia do sofrimento” pode fundamentar avanços nas perspectivas teológicas cristãs sobre as religiões. Isso pode ser percebido na prática de acolhida aos imigrantes e refugiados desenvolvida pela Missão Paz. O sofrimento presente na vida desses grupos “é um *locus* privilegiado para o diálogo inter-religioso considerando a autonomia irreduzível dos sujeitos envolvidos e a provável reciprocidade entre as alteridades envolvidas” (BARROS, 2017, p. 246).

Com base nesse cenário, e tendo em vista o aprofundamento teórico para análise das experiências e processos de migração, a inreligiosa *queirugiana* se apresenta como mais um caminho aberto de diálogo e alteridade. Essa concepção, como já referido, está relacionada ao *princípio pluralista*, visto como

um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade a experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos “entrelugares”, bordas e fronteiras das culturas e das esferas de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vistas, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade (RIBEIRO, 2020, p. 25).

A importância da inreligiosação se dá, em primeiro lugar, porque reconhece o pluralismo religioso como acontecimento histórico e que conduz a uma não absolutização de qualquer religião. Essa visão, aplicada ao processo migratório, é capaz de construir pontes entre os diferentes; ou seja, ao pensar as religiões nos meandros da migração, procura-se derrubar os sectarismos, os absolutismos e os exclusivismos para olhá-las sob o espectro da aproximação e do diálogo.

Trata-se de processos comunicativos que, mais do que propriamente um encontro de religiões, são capazes de efetivar um encontro de culturas. Tais processos, em geral, se bem estabelecidos e desenvolvidos, são molas propulsoras de respeito, acolhimento, promoção, proteção e integração dos seres humanos ao realçar mecanismos de humanização que levem em conta a dignidade da pessoa humana, seja de qual origem ou territorialidade ela for.

Pensar os processos migratórios sob o olhar de inreligiosação suscita muitas e variadas questões. Uma delas está relacionada ao desafio teológico e pastoral de se conferir positividade à noção de sincretismo, tarefa que está nas bases conceituais do *princípio pluralista*. Para Afonso Ligório Soares,

pode-se falar, portanto, de fé sincrética para identificar o modo mesmo de uma fé ‘concretizar-se’. De fato, não existe fé em estado puro; não temos antes uma fé (religiosa) à qual acrescentamos depois uma ideologia. A fé mostra-se na práxis. Por isso, quem diz fé sincrética, diz, de certa forma, fé inculturada. A diferença (não indiferente) é de trajeto, ou seja, o ponto de vista de onde se observa ou de onde se participa da invenção religiosa popular. A comunidade eclesial propõe-se a inculturar a mensagem evangélica; o povo responde, acolhendo (inreligionando) a ‘novidade’ de acordo com as suas reais possibilidades contextuais (políticas, culturais etc.) (SOARES, 2003, p. 246).

As consequências para o fazer teológico são diversas, todas igualmente desafiadoras. Não se trata necessariamente de uma visão heterodoxa, ao contrário, “as matrizes bíblico-simbólicas do Cristianismo são intrinsecamente abertas a novas releituras e reconceitualizações” (SOARES, 2003, p. 252). Isso deve acontecer em diálogo e em abertura para um processo de reformulação dogmática, que podem muito bem ser feitos entre e em conjunto com diferentes religiões.

Uma teologia do sincretismo, entendida como possibilidade de se pensar a fé dentro de um diálogo inter e intrarreligioso, possui como pressuposições básicas ao menos dois aspectos: (i) expressão religiosa alguma vive em estado puro ou está isenta de ambiguidades, portanto pode e deve estar aberta às outras em um processo de aprendizado; e (ii) o sincretismo, ao contrário do sentido na maior parte das vezes negativo atribuído ao termo, pode ser compreendido como ressemantização das experiências religiosas a partir das relações aprendidas no mundo do outro. É o que dará base para se indicar uma teologia “entrefés” (*interfaith*) que aprende das realidades religiosas de sincretismo que “não há etapas rumo a esta ou aquela religião total, pois nenhuma fé ou espiritualidade esgota o Sentido da Vida” (SOARES, 2008, p. 213). As vivências espirituais sincréticas seriam sadias provocações aos conceitos enrijecidos pela lógica dogmática e devem ser vistas como fonte de novidade na busca de formas novas e mais autênticas de compreensão da fé tradicional. Trata-se de algo de vital importância para as dinâmicas instáveis e errantes dos processos migratórios.

Para o desenvolvimento de processos dessa natureza e outros que levem em conta a inreligiosação, é preciso que haja a crítica às formas de invisibilização de culturas subalternas. Para isso, Boaventura de Souza Santos propõe uma *sociologia das ausências*, outro conceito de vital importância para o *princípio pluralista*. “Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe” (SANTOS, 2010b, p. 102). A realidade não pode ser reduzida ao que existe, e os processos migratórios tendem a invisibilizar e guetizar as pessoas e grupos que o vivenciam.

Para dar visibilidade às realidades ativamente produzidas como não existentes é necessário se criar uma visão ampla de realismo, o que o autor chama de “ecologias”. As religiões, com suas ambiguidades e contradições, são espaço de fomento dessas visões. Se vivenciadas por grupos migrantes, se tornam ainda mais relevantes.

As experiências religiosas plurais e fronteiriças marcadas por alteridade e senso de inreligiosação constituem fontes de resistência cultural e

empoderamento para as populações migrantes. Nelas, em geral, estão presentes: (i) a ecologia dos saberes, que articula criticamente os saberes científicos e os considerados não científicos; (ii) a ecologia das temporalidades, que integra diferentes concepções de mundo, de tempo e organização da vida cotidiana; (iii) a ecologia dos reconhecimentos, que valoriza diferentes grupos sociais e suas identidades e visões de resistência social e luta política nos processos de emancipação; (iv) a ecologia das “trans-escalas”, que destaca a recuperação de aspirações universais alternativas de justiça social, dignidade, respeito mútuo, solidariedade, comunidade e espiritualidade, harmonia natureza e sociedade e de outras formas de escalas locais/globais que não resultam da globalização hegemônica; e (v) a ecologia das produtividades, que amplia a realidade social por intermédio de experiências econômicas alternativas e realistas para construção de uma sociedade mais justa. Daí, a noção de diferença cultural se reforça na medida em que inclui as realidades ausentes seja por silenciamento, seja por supressão, seja por marginalização (SANTOS, 2010b). Todas essas características podem ser aplicadas às experiências de acompanhamento de processos migratórios.

Considerações finais

Na atualidade, uma das experiências humanas que mais tem sido marcada por dramaticidade e sofrimento é a da migração. As pessoas e grupos que vivenciam processos migratórios geralmente sofrem com situações excludentes e discriminatórias, muitas vezes violentas, racistas e xenofóbicas, resultantes, especialmente, da exploração do trabalho e dos preconceitos sociais.

A partir da realidade da migração, apresentamos três blocos de análise, centrados no conceito de inreligiosação, do teólogo Andrés Torres Queiruga, que é uma das bases do *princípio pluralista*. O primeiro foi uma síntese de questões que emergem dos processos migratórios e a relação deles com a pluralidade das experiências religiosas, com destaque para as noções de fronteira, de identidade e de errância.

O segundo buscou compreender o significado do conceito de inreligiosaçã *queirugiano* e de que forma pode ser aplicado favoravelmente na superação de problemas que surgem nos fluxos migratórios. A inreligiosaçã consiste no encontro de pessoas e grupos de religiões distintas, no qual partilham seus bens religiosos e fazem a experiênciã do mistério amoroso divino, na dádiva, na alteridade, no respeito mútuo e na corresponsabilidade pela edificaçã de valores humanizadores.

Por fim, procuramos concatenar e exemplificar a reflexã acerca da migraçã, tendo como base a inreligiosaçã, maneira essencial de se cuidar de forma acolhedora das tensões provenientes dos processos migratórios vigentes na atualidade, considerando os aspectos básicos da dignidade humana do diferente. Tanto para as situações de sofrimento e de exclusã social quanto para as possibilidades de resistênciã cultural e empoderamento, a noçã de inreligiosaçã se torna significativa e importante para iniciativas práticã de enfrentamento das questões que surgem das experiênciã de migraçã.

A inreligiosaçã, em primeiro lugar, reconhece e valoriza o pluralismo religioso e conduz a uma nã absolutizaçã de qualquer religiã. Essa visã, aplicada ao processo migratõrio, é capaz de construir pontes entre os diferentes ao questionar e indicar caminhos de superaçã dos sectarismos, dos absolutismos e dos exclusivismos e pensar e propor a vida sob o espectro da aproximaçã e do diálõgo. Trata-se de processos comunicativos que, mais do que propriamente um encontro de religiões, sã capazes de efetivar um encontro de culturas. Tais processos, em geral, se bem estabelecidos e desenvolvidos, sã molas propulsoras de respeito, acolhimento, promoçã, proteçã e integraçã dos seres humanos ao realçar mecanismos de humanizaçã que levem em conta a dignidade da pessoa humana, seja de qual origem ou territorialidade ela for.

Referências

BARROS, Wellington da Silva de. *Mobilidade humana e pluralismo religioso: a Missã Paz e o diálõgo inter-religioso na acolhida de imigrantes e refugiados.*

2017. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. São Paulo: Zahar, 2017.
- COUTINHO, Suzana; SANCHES, Wagner Lopes. O pluralismo religioso e as religiões em movimento. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. XXIX, n. 99, p. 256-275, maio/ago. 2021.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; NEGRO, M. Felipe. Pensar teologicamente as religiões a partir da autocompreensão cristã. *Parallelus*, Recife, v. 12, n. 29, p. 65-88, jan./abr. 2021.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O princípio pluralista*. São Paulo: Loyola, 2020.
- SANCHES, Wagner Lopes. Sincretismo e migração: notas a partir do pensamento de Afonso Ligório Soares. *Rever*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 67-79, jan./abr. 2016.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2010a.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010b.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, número especial, p. 7-10, 2000.
- SOARES, Afonso Ligório. *No Espírito do Abba: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Autocompreensão cristã: Diálogo das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- TOSTES, Angélica. Múltipla pertença religiosa. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbráz; PANASIEWICZ, Roberlei (orgs.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 156-161.

Trabalho submetido em 30/03/2022.

Aceito em 04/06/2022.

Cláudio de Oliveira Ribeiro

Doutorado (2000) e o mestrado (1994) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a graduação (1985) no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho-RJ. Estágio de pesquisa pós-doutoral em Teologia, na Southern Methodist University (SMU) (Dallas-EUA) (2015), com o tema "Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos, e em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas-SP, com o tema "Movimentos inter-religiosos, política e espaço público no Brasil". ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8660-4419>. Email: cdeoliveiraribeiro@gmail.com

Felipe de Moares Negro

Mestre em Ciências da Religião pela PUC--CAMPINAS. . Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP. Graduado em Filosofia pela PUC-Campinas. Graduado em Teologia e Ciências Religiosas pela PUC-Campinas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9863-1163>. Email: padrefenegro12@gmail.com